

Manual para a desobediência arquitetônica em 25 passos (ou apenas 01)

Andréia Moassab, Foz do Iguaçu, novembro 2013

amoassab@gmail.com

Passo-a-passo: 1-Construa em qualquer terreno vago, preferencialmente, infraestruturado e em especulação imobiliária; 2-construa com o material disponível, do jeito que der e, ainda por cima, que resulte em excelente qualidade espacial e projetiva. Se for profissional da área, simplesmente, 3-seja mulher (ou transexual); seja negr@ (de preferência african@); 4- faça projetos coletivos e participativos; 5-use materiais locais e denuncie o sistema viciado da construção civil; 6-use materiais baratos e ordinários para fazer boa arquitetura; 7-tente alterar significativamente o ensino da arquitetura; 8-altere significativamente o eixo das suas referências bibliográficas e arquitetônicas para o sul; 9-não faça projetos de revitalização; 10-não faça projetos que colaborem para a valorização imobiliária; 11-não faça projetos que expulsem populações de suas casas; 12-nas representações dos seus projetos não use brilho (mesmo porque seus materiais não brilham...), não coloque figuras humanas saídas dos editoriais de moda europeus; 13-negue veementemente a existência do “arquiteto-gênio-criador”; 14-use palavras fáceis e descomplicadas para falar de arquitetura; 15-ponha a mão na massa e o pé no barro; 16-viva no canteiro de obras; 17-seja amig@ dos trabalhadores-usuários; 18-escute; 19-insista em dedicar a sua vida profissional a tentar melhorar a qualidade de vida das pessoas; 20- faça projetos para os sem-terra, para os sem-teto, para comunidades quilombolas, para comunidades indígenas; 21-dedique-se a estudar um sistema simples e barato para diminuir que os barbeiros continuem a se instalar nas casas de taipa ou que o mosquito transmissor da febre amarela continue a atormentar a população na em diversas partes do globo; 22-invente um sistema de produção, purificação e armazenamento de água acoplado às casas em locais áridos e desérticos; 23-ajude a popularizar métodos simples e baratos para melhorar o conforto térmico das casas da população pobre no mundo; 24-acredite em viver sem o último iphone ou imac; 25-seja invisibilizad@ pelo mainstream da arquitetura (ou, as vezes, desacreditad@). Ao cumprir um destes requisitos, você já está certificad@ em desobediência arquitetônica...

ALIER, Joan. Ecologismo dos Pobres. São Paulo: Contexto, 2007.

ARANTES, Pedro. Arquitetura Nova. São Paulo: 34, 2002.


FATHY, Hassan. Construindo com o Povo. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

MOASSAB, Andréia. Brasil Periferia(s). São Paulo: Educ, 2011.



MOASSAB, Andréia. “Housing Architecture in Cape Verde”. In: Rivista Urbanistica PVS.


Roma: Sapienza Università di Roma, 2013 (no prelo).

SANTOS, Boaventura. A Gramática do Tempo. São Paulo: Cortez, 2006.

30-Tenga cuidado con adoptar la figura del redentor, si su discurso se enfoca a “mejorar la calidad de vida de la gente”, “fabricar sonrisas” o hacer un “país mejor”. Si se descuida se le puede devenir un dogma proselitista.
31-Tenga cuidado con adoptar la figura del activista en resistencia. Puede que sus acciones (muy simbólicas, con bonita gráfica y colores llamativos) están alejadas de cualquier necesidad o voluntad colectiva. Le podrán acuniar aquello de artista paracaidist. 

El binomio de Newton es tan bello como la Venus de Milo.

Lo que hay es poca gente que se dé cuenta de ello.

(El viento, afuera)
Fernando Pessoa. 

Interessante tentar romper com o estrelismo da arquitetura o-céu-é-o-limite. Mas acho que poderia não considerar só o arquiteto como interlocutor. Eu falo de São Paulo, e o direito à cidade aqui é uma coisa quase etérea. Por um lado, a especulação imobiliária expulsa aqueles que não conseguem arcar com o custo de vida ridículo desta cidade, por outro, os que conseguem se trancam em fortalezas, tentando compensar a carência da cidade e seu medo de possuidores de algo em edifícios que tentam mimetizar todos os espaços de convivência tipicamente urbanos. Acho o texto muito acertado em apontar para isto, ainda mais no formato de um manual de “escape” ou subversão, indicando a urgência de se refazer ou reencontrar a cidade na cidade. 

O podríamos resumirlo en apenas una palabra: “empatía”. La simple capacidad de ponernos en la piel del otro. Del usuario, del albañil, del constructor, del ciudadano, del paseante, del visitante, del trabajador. Ser cada uno de ellos en cada uno de nuestros actos.

AXP
Warning!

Blancae
18/25

João
Terra à terra

victorgonvera
Una palabra